

Qual o papel dos bancos centrais na crise climática?¹

Claudio de Moraes²

Seguindo esta linha, é preciso agora investigar como o principal agente do sistema financeiro, o Banco Central, vem atuando nesta crise climática. Antes de mais nada é preciso destacar que os bancos centrais têm desempenhado um papel crucial na economia mundial, principalmente focados na estabilidade financeira e na preservação do valor da moeda.

Historicamente, O banco Central tinha como missão principal assegurar a liquidez no sistema bancário, controlar a inflação e atuar como "emprestador de última instância" durante crises financeiras. Através de ferramentas como a política monetária, ajustando taxas de juros e regulamentações bancárias, os bancos centrais conseguiam manter a confiança no sistema financeiro e evitar colapsos econômicos.

A literatura econômica oferece uma base sólida para compreender essa evolução. Alan Blinder, em seu livro "Central Banking in Theory and Practice", descreve como os bancos centrais utilizam instrumentos de política monetária para atingir seus objetivos tradicionais de estabilidade de preços e estabilidade financeira. Blinder argumenta que a credibilidade e a independência dos bancos centrais são essenciais para o sucesso dessas políticas.

No entanto, o papel dos bancos centrais evoluiu significativamente nas últimas décadas, especialmente com a crescente preocupação com a crise climática.

A mudança climática representa um risco sistêmico que pode afetar todos os aspectos da economia, incluindo a estabilidade financeira. Reconhecendo isso, os bancos centrais começaram a incorporar considerações ambientais em suas políticas e práticas. Este movimento é impulsionado por uma compreensão

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/esg/artigo/qual-o-papel-dos-bancos-centrais-na-crise-climat-ica.ghtml> Acessado em 22.08.2024

² Doutor em Economia com ênfase em macroeconomia e Finanças

crecente de que os riscos climáticos podem desestabilizar os mercados financeiros através de desastres naturais.

Mark Carney, ex-governador do Banco da Inglaterra, tem sido uma voz proeminente nesse campo, defendendo que os bancos centrais e os reguladores financeiros devem considerar os riscos climáticos como parte de sua supervisão prudencial. Em um famoso discurso, Carney introduziu o conceito de "Tragédia dos Horizontes", referindo-se à incapacidade das instituições financeiras de considerar os riscos de longo prazo associados à mudança climática.

Os riscos climáticos podem ser divididos em duas categorias principais: riscos físicos e riscos de transição. Os riscos físicos incluem os impactos diretos das mudanças climáticas, como eventos climáticos extremos e elevação do nível do mar, que podem causar danos significativos a ativos e infraestrutura. Já os riscos de transição estão associados às mudanças necessárias para migrar para uma economia de baixo carbono, incluindo políticas governamentais, mudanças tecnológicas e alterações no comportamento do mercado. Os bancos centrais modernos estão adotando regulações específicas para mitigar ambos os tipos de riscos, incentivando a transição energética sustentável e promovendo a resiliência frente aos impactos físicos das mudanças climáticas.

No Brasil, o Banco Central tem sido um exemplo notável dessa transição. O Gerenciamento Integrado de Riscos agora inclui os riscos sociais, ambientais e climáticos, tanto na vertente de transição quanto na física. Existem normativos que exigem dos bancos a adoção de uma política de responsabilidade social, ambiental e climática, além de garantir a transparência socioambiental, conforme evidenciado pelo relatório GRSAC.

Além de ampliar a regulamentação para pressionar os bancos comerciais a adotarem práticas mais sustentáveis, o Banco Central do Brasil tem investido em tecnologia que garante a continuidade dos negócios mesmo em meio ao caos climático. Um exemplo marcante dessa inovação é o sistema de pagamento instantâneo, o Pix, lançado durante a pandemia de COVID-19. O Pix não só facilita transações financeiras rápidas e seguras, mas também demonstra a capacidade do Banco Central de adaptar-se e inovar em resposta a crises.

Em resumo, os **bancos centrais estão evoluindo de meros guardiões da estabilidade financeira e da moeda para se tornarem atores essenciais na luta contra a crise climática.** Ao integrar considerações ambientais em suas políticas e promover inovações tecnológicas, como demonstrado pelo Banco Central do Brasil, essas instituições estão delineando um futuro mais sustentável e resiliente para a economia global. A literatura econômica recente tem refletido essas novas funções do mercado financeiro e dos bancos centrais, o que reforça a necessidade de um Banco Central independente, que atenda às necessidades de longo prazo da sociedade e não aos interesses políticos ou econômicos de curto prazo.